

Elógio Histórico do Coronel José Saturnino da Costa Pereira, Ministro da Guerra, na Regência Feijó

Pelo Major Waldemiro Pimentel

O Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, ao cultuar a memória do Coronel JOSE' SATURNINO DA COSTA PEREIRA, elegendo o seu nome patrono da cadeira número 46, praticou ato de sabedoria cívica.

O ilustre patrono sai do olvido. O Instituto suspende o silêncio votado ao nome desse militar insigne.

A história nacional não está toda escrita. Póde parecer estranho que, através de séculos do nosso viver, não tenhamos trazido à luz da vulgarização personagens de relevo e acontecimentos importantes.

Os que compulsam os documentos originais nos arquivos sabem judiciosamente dessa verdade.

A história brasileira pede a divulgação interpretativa das vidas ilustres e dos acontecimentos notáveis, para a compreensão da nossa evolução.

i E' fato corrente aos que estudam velhos documentos originais a existência de personalidades completamente desconhecidas dos contemporâneos. São vidas encarceradas no silêncio tumular dos arquivos.

Dir-se-á que a história em seus caprichos tem omissão para determinados acontecimentos ou figuras.

O coronel JOSE' SATURNINO DA COSTA PEREIRA é nome para o qual neste momento praticamos justiça histórica.

Nasceu em 22 de Novembro de 1773, na histórica Província de São Pedro do Sul.

Homem público e sobretudo intelectual, viveu no Brasil colônia, reino e império.

A sua formação mental foi modelada ao calor da guerra civil e das lutas nacionais externas.

Vida poliforma, é curioso por isso assinalar notas ligeiras biográficas sobre a sua personalidade.

Figura equilibrada e enérgica de estadista, geógrafo brilhante, matemático respeitado, professor digno, astrônomo, historiador e cientista. Viveu oito anos na Universidade de Coimbra, na qual levantou prêmios escolares no bacharelato de filosofia e matemática, em 1805, e no curso militar da Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho, em 1807, cursos que lhe deram ingresso ao oficialato no Corpo Real de Engenheiros em 20 de julho de 1809, no posto de 1.º Tenente.

Neste posto é chamado para ser professor fundador de nossa Escola Militar, na cadeira de mecânica, por decreto de 11 de Março de 1811 e por decreto de 12 de abril do mesmo ano é graduado no posto de capitão.

A 25 de julho de 1814, é promovido a capitão efetivo e por decreto de 11 de abril de 1815, o marquez de Aquiar subscreve o decreto do Príncipe Regente, nomeando o Coronel JOSE' SATURNINO para o cargo de diretor da Real Tipografia, cumulativamente com a função de revisor dos trabalhos oficiais.

Durante 15 anos exerceu, sem prejuízo de outras funções, esse cargo. Gozou neste exercício de merecida reputação intelectual, sendo seus admiradores e amigos os Conselheiros José da Silva Lisboa (depois Visconde de Cairú), Silvestre Pinheiro Ferreira, Desembargador José Bernardes de Castro e Mariano José Pereira da Fonseca (depois Marquez de Maricá).

Em 1818, por decreto de 6 de fevereiro, é promovido a major graduado, sendo em 1819, a 13 de maio, efetivado neste posto.

No ano da independência, é promovido, por decreto de 24 de junho, ao posto de tenente-coronel graduado e a efetivo neste posto por decreto de 12 de outubro de 1823.

Foi reformado em consequência da resolução de consulta de 5 de agosto de 1834.

Logo após a independência foi nomeado governador da Província de Mato Grosso, pela carta imperial de 1.º de julho de 1824, cargo em que prestou magníficos serviços, habilmente consolidando a proclamação de Pedro I, de 1822, e suprimindo rivalidades e odios políticos.

Sendo o primeiro governador de Mato Grosso no Brasil independente, recebeu esta unidade nacional em condições também precárias de recursos em dinheiro.

Realizou atos de benemerência pública, naquele tempo tão recuado do Mato Grosso longinquo, sendo digno de assinalar: a reorganização dos correios; convênios de amizade com as Províncias hespanholas de Santa Cruz de La Sierra e do Alto Perú, que queriam invadir com mais de 1.000 homens o território da Província; fundição de ouro em Cuiabá; aproveitamento das minas abandonadas; exploração dos rios; transportes fluviaes e terrestres; pacificação e educação dos apiacás e borôros; construção do arsenal de marinha em Cuiabá, para construção de barcas canhoerias; criação de escolas, com aula de gramática latina; fomento da agricultura; aumento da renda pública; redação e execução do regulamento de polícia para acabar com os continuos assaltos e assassinatos cometidos nos campos e matas da Província; estabelecimento de núcleo de artífices em construção naval; construção de bombas hidráulicas de sua invenção para o serviço público; estabelecimento de laminação e cunhagem do cobre; melhoramento do presídio de Miranda; remessa ao Museu Nacional de uma coleção de instrumentos dos índios, e o mais interessante, para a história sanitária nacional, fez reedificar o hospital dos lazarus, recolhendo os doentes espalhados em toda a Província e dando a êsses necessitados de assistência pública, tratamento regular e cômodo.

Em 7 de outubro de 1828, deixava, a pedido, o cargo de governador de Mato Grosso, segundo lhe comunicava o grande José Clemente Pereira, em nome de Sua Magestade, o Imperador.

Senador do Império por nomeação de carta imperial de 3 de novembro de 1827, tomando assento no Senado em 18 de agosto de 1828, na vaga deixada por Caetano Pinto de Miranda Montenegro (Marquez da Praia Grande). Comendador da Ór-

dem de Cristo, por decreto de 6 de fevereiro de 1827 e Oficial da Ordem Imperial do Cruzeiro, por decreto de 31 de julho de 1830.

A 16 de maio de 1837 embóra com orientação política diversa, é chamado para ocupar a pasta da guerra do terceiro gabinete da acidentada Regência do Senador Diogo Antônio Feijó, cargo em que exercido rapidamente, no lapso de meses, teve conduta exemplar e serenidade impressionante em meio da tempestade parlamentar e das lutas irreconciliáveis dos partidos políticos, sempre dominado pela preocupação de organizar as forças armadas.

Os discursos pronunciados na Câmara dos Deputados, aonde seguidamente era interpelado, são páginas vivas de ânimo imperturbavel e de elegância, em contraste com o ambiente agitado.

Substituiu na pasta da guerra o General Salvador José Maciel e foi substituído em setembro de 1837 pelo Deputado Sebastião do Rego Barros, nomeado, em 19 de setembro do mesmo ano.

Mas, o aspécto mais importante da personalidade do Coronel José Saturnino, é o seu vulto intelectual e que o faz patrono neste Instituto de Geografia e História.

E' um dos mais eruditos geógrafos que tivemos no início e meiado do século XIX.

Os conhecimentos sôbre a geografia nacional eram precários e empíricos e os dados mais ou menos exátos guardavam-nos avaramente os administradores e exploradores-geógrafos da metrópole, lusitana.

O esforço desse militar é admiravel, criando a geografia brasileira, escrita por brasileiro.

Em 1818, publica no Rio de Janeiro "Leitura", dialogos sôbre a geografia, cronologia, história de Portugal, história natural e ensinamentos morais.

Trabalho didático, destinado à infância, mereceu três edições nos anos de 1821, 1822 e 1824.

Em 1828, produz o segundo trabalho "Plano para divisão das comarcas, cidades, vilas, povoações e paróquias da Provín-

cia de Mato Grosso, na fôrma do aviso de 23 de novembro de 1827”.

O interesse despertado por esta contribuição geográfica levou a que fosse exibida, em original, com 12 páginas in-folio, na exposição de história do Brasil, em 1880, pela Senhora Joana F. de Carvalho.

Examinamos o trabalho na Bibliotéca Nacional, com profunda impressão, pelas dificuldades do Coronel José Saturnino realizando recenseamento naquela época, debaixo de ataques dos silvícolas, na ausência de transportes e comunicações, onde tudo éra desconhecido e os cálculos, inclusive sôbre a poulação branca, a negra e a amerindia, apenas estimados.

Em 1834, publicava no Rio de Janeiro, com 258 páginas, in-8.º, o “Dicionário Topográfico do Império do Brasil”, onde descrevia as antigas Províncias em geral, com detalhes de cada cidade, vila, freguezia, arraial, aldeia, rios, serras, lagos, portos, baías, enseadas, com dados de latitudes e longitudes, com estudo dos silvícolas e respectivas nações e tribus.

Bélo trabalho sôbre o Brasil de mais de um século foi feita a segunda edição desse dicionário.

Em 1836, publicava no Rio de Janeiro, in-8.º, com estampas, o “Compendio de geografia elementar”, para uso escolar.

A publicação marca sem favor, a autonomia geográfica nacional, logo após a independência.

Reputamos excelente trabalho didático, pela orientação científica da sua feitura e pelos seguros informes sôbre o Brasil, os diversos continentes e nações americianas.

Livro escrito há 106 anos, é fonte de documentação do Brasil da época, em sua geografia política, econômica e social.

Em 1837, nos presenteia com “Limites do sul e oeste do Império do Brasil a vista dos tratados e convenções existentes e limites que se podem considerar como naturais em relação às localidades e topografia do país”.

Inédito, dividido em duas partes, com as datas de 10 e 17 de novembro de 1837. A Bibliotéca Nacional possui a primeira parte, em cópia, da qual extraímos também, para nosso arquivo, uma cópia.

A cópia da Biblioteca Nacional tem a anotação de que o original está no Ministério do Exterior.

Este trabalho, para o qual chamamos a atenção desta ilustre companhia, vale como página de sadio patriotismo, como um dos estudos sobre as fronteiras da Pátria, quando esta em momento dramático da vida, apelava para o saber dos seus filhos, no sentido da defesa do seu patrimônio territorial.

O trabalho é consequência do ato de 25 de outubro de 1827 do governo imperial pelo qual o nomeava "reconhecendo quanto importa em matéria tão árdua e relevante, ouvir a opinião de pessoas ilustradas e entendidas nesta parte importante da Estatística do País", para, juntamente com o Visconde de São Leopoldo, Marechais Antônio José Roiz e Raimundo José da Cunha Matos e Major Luiz D'Alincourt, determinar os limites do Brasil.

Em 1841, publicava "Mapa do Rio Grande do Sul", sendo mencionada cópia a aquarelada no Arquivo Militar.

Em 1848, publicava, no Rio de Janeiro, com 236 páginas, in-8.º, "Apontamentos para formação de um roteiro das costas, do Brasil", estudos sobre o interior das Províncias e suas produções.

A cultura do Coronel José Saturnino nos dá ainda, os seguintes trabalhos nos domínios da matemática, da astronomia, da filosofia:

"Tratado elementar de mecânica", tradução do original do Sr. Francoeur, para uso dos alunos da Real Academia da Côrte. Publicação de 1812, no Rio de Janeiro, com 4 partes, respectivamente, com 224, 214, 102 e 175 páginas, in-4.º, com estampas. As partes componentes são: estática, dinâmica, hidroestática e hidrodinâmica.

"Elementos de geodesia", precedidos de conhecimentos de trigonometria, extraídos da obra de Puisant, para uso da Escola Militar, publicado em 1840, impresso nesta capital, in-8.º.

"Aplicação de algebra à geometria ou geometria analítica", segundo o sistema de Lacroix, para uso da Escola Militar, publicado no Rio de Janeiro, in-8.º, ano de 1842.

“Elementos de cálculo diferencial e cálculo integral”, segundo o sistema de Lacroix, para uso da Escola Militar, publicado em 1842, in-8.c, no Rio de Janeiro.

“Elementos de mecânica”, para uso da Escola Militar, publicado em 1842, in-8.c, no Rio de Janeiro.

“Elementos de astronomia e geodesia”, publicado em 1845, in-8.º, no Rio de Janeiro.

“Recreação moral e científica” ou bibliotéca da juventude. Obra compilada dos melhores autores. Tem as datas de 1834 e 1839. Há referência sobre este trabalho de Joaquim Manoel de Macêdo. São 7 volumes, sendo que o último foi dado à publicidade tres anos depois.

Finalmente, temos “Elementos de lógica”, destinado às escolas, impresso em 1834, no Rio de Janeiro, in-12, com 122 páginas.

São éstes os trabalhos intellectuais que constituem a alentada bibliografia do Coronel José Saturnino, vulto que o Barão do Rio Branco chamou de “douto e operoso escritor”.

O militar illustre foi casado com a Snra. Eufemia de Magalhães Pereira, viúva do official de artilharia e lente da Escola Militar André Pinto Duarte, havendo um enteado de nome André Pinto Duarte Filho.

Teve o Coronel Saturnino 2 filhos: Jorge Saturnino da Costa Pereira e João Saturnino da Costa Pereira.

Faleceu o digno militar no dia 9 de janeiro de 1852, sendo enterrado no dia 10, no Cemitério de Catumbí (da Veneravel Ordem 3.^a dos Minimos de São Francisco de Paula), sepultamento sob o n.º de registro 3.295.

Nas pesquisas feitas por nós, no citado cemitério, encontramos os seus restos mortais desaparecidos, não sendo possível estabelecer se foram posteriormente retirado pelos descendentes.